

introdução

Guerras, conflitos e crises: fraturas do contemporâneo em perspectivas comunicacionais

Marialva Barbosa

Universidade Federal do Rio de Janeiro | marialva153@gmail.com

Ana Regina Rêgo

Universidade Federal do Piauí | anareginarego@gmail.com

Jorge Pedro Sousa

Universidade Fernando Pessoa | jorgepedrosousa@gmail.com

[editores convidados]

Quando o ano de 2022 se anunciava no calendário, junto se previa uma guerra real e dramática, nomeada como guerra da Ucrânia, mostrando claramente que vivemos tempos de guerras e conflitos, expondo crises que se ampliam. As imagens que diuturnamente chegam a cada um de nós, nas múltiplas telas do nosso cotidiano, expõem detalhes do conflito no continente europeu, através de cenas trágicas em que mortos pedem a clemência do não esquecimento e em que vivos se esforçam, apesar dos bombardeios e das destruições por todo o território, vistas por nós na imaterialidade da distância, para continuarem existindo.

A proposta deste dossiê de **LÍBERO**, ainda que tenha como vínculo mais premente a guerra que invade nossas retinas e nossos sentidos, em um presente que se faz absoluto, pretende também ampliar os substantivos que particularizam esta edição da revista em torno de conflitos e crises decorrentes de contextos governados também pelas práticas de comunicação contemporâneas que fazem da desinformação uma guerra comunicacional sem tréguas, expondo outros conflitos e novas crises.

Portanto, o título que enuncia a proposta do dossiê coloca em relação os cenários contemporâneos como governados por uma lógica contextual, em que guerras, conflitos e crises assumem a prevalência da ação e da narração humanas. Ao destacar, por outro lado, o contemporâneo, de maneira privilegiada, no contexto que se enuncia, ainda que não esteja claramente configurado no título que resume a temática, destaca modos comunicacionais/históricos de nos situarmos numa dimensão temporal que figura o espaço-tempo do vivido. Hoje e ontem.

Neste espaço-tempo vivido emergem, como força devastadora, guerras e destruições as mais diversas, resultado da configuração do próprio homem num tempo marcado por conflitos que ameaçam e desintegram a natureza, a vida humana e as possibilidades de existências. O que fazer e, sobretudo, como fazer para mudar o cenário que se caracteriza pelas incertezas do presente e de um futuro como porvir? A reflexão sobre a dimensão comunicacional que se coloca como motor propulsor determinante nos tempos contemporâneos é o primeiro movimento que podemos fazer e que está ao nosso alcance.

Recuando em direção ao século XX, devemos constatar que, em suas grandes guerras, a comunicação de massa exerceu expressiva influência sobre as sociedades envolvidas nos conflitos. A manipulação do jornalismo – que passou a seguir, em diversas frentes, as orientações dos gabinetes de guerra (HASTINGS, 2014) – terminou por influenciar o apoio que cada povo concedeu a seus governantes. Durante a Segunda Guerra Mundial, as manifestações culturais de grande alcance das massas, tais como a música e o cinema, foram usadas como armas de sensibilização e manipulação social conforme os interesses de cada governo. A exaltação do nacionalismo e do sentimento de superioridade e o crescimento da xenofobia e da discriminação entre os povos tornaram-se consequência pretendida pelas estratégias utilizadas pelos lados do conflito.

No século XXI, ao mesmo tempo em que vemos a explosão de novos conflitos bélicos, ameaçando mais uma vez a vida planetária, observamos igualmente outras crises que colocam em eminência múltiplas catástrofes que assombram a humanidade. As crises e os conflitos que desembocam em destruições – as quais, por sua vez, são protagonistas de grandes catástrofes – irrompem estruturas temporais e podem modificar o tecido temporal histórico, quebrando laços entre passado e futuro, entre experiência e expectativa. Como lembra Koselleck (2009), crises podem levar povos à liberdade ou à escravidão, tendo em vista que nascem a partir da dissolução dos vínculos do passado com possibilidade para criar vínculos completamente díspares no futuro.

Nesse cenário em que a destruição parece ser o ator central do século XXI, aprofundando crises de todas as ordens, a ação humana sobre a natureza expõe a eminência de desastres que podem representar a maior de todas as catástrofes – o fim da própria humanidade – e diante da qual as nossas tragédias cotidianas dizem respeito a um ínfimo

temporal na ordem do tempo. Falar em guerras, conflitos e crises é pensar, prioritariamente, na destruição planetária promovida pela ação humana em séculos de exploração dos recursos naturais, na busca por uma lucratividade sem fim, em um capitalismo perverso e destruidor. Falar em conflitos e crises significa também assinalar que o olhar direcionado aos seres humanos se faz a partir da *outricidade*, ou seja, percebendo não a igualdade, mas sobretudo a diferença, o que evoca novas crises e catástrofes humanas, que redundam quase que obrigatoriamente em tragédias sem fim. Catástrofes/tragédias são o duplo indelével de um tempo de crises e conflitos.

Pensar todos esses movimentos obriga, igualmente, a reflexão sobre contextos como lugares em que se institui a essência das mutações, dos acontecimentos e dos próprios campos reflexivos. Construir narrativas acerca de existências presentes/passadas pressupõe o esforço duplo de inteligibilidade e de interpretação, mobilizando possíveis acessos a essas questões. Indica igualmente mobilizar os artifícios da linguagem no presente, permitindo a configuração e a compreensão do que foi e do que está sendo como permissividade para uma expectativa de possível porvir (que se apaga cada vez mais).

O contexto é, assim, lugar de inteligibilidade de existências passadas/presentes em movimentos específicos, que inscrevem e conquistam, através da historicidade, seu lugar na História. Procurar pelo onde, pelo quando e pelo como de mutações, ondulações, permanências e rupturas significa tentar identificar articulações de forças. São essas forças que se localizam no contexto, dado a ver e a ler, por movimentos do comunicacional, ou seja, pelos artifícios de compreensão e de mobilização transformados em narrativas. Contexto, aqui, portanto, não se trata de algo mensurável, observável, mas aquilo que pode ser transformado, transfigurado. Pensar o contexto é colocar movimentos do tempo em relação. Assim, o contexto é texto, é língua, é espaço-tempo, é narrativa que se constitui em modos de revelação (BARBOSA; RÊGO, 2017).

Mas, no contexto aqui enunciado, há claramente a prevalência do “nosso tempo”, aquele no qual nos movemos e sobre o qual produzimos diagnósticos. É a partir da percepção, também com Kosseleck (2009), de que crítica e crise conformam uma espiral em que as estruturas temporais se aproximam e se afastam, e de que a crítica tem poder para transformar os presentes históricos a partir das crises que deflagra, que propomos pensar o *presente potência*, apesar das inflexões destacadas anteriormente. Um tempo em espiral comunicativa que une e, concomitantemente, separa (RÊGO; BARBOSA, 2020).

Deve-se também ter em mente que é *no contexto* que a comunicação assume centralidade reflexiva, já que – como enfatiza Sodr  (2021), em refer ncia a Paulo Freire – ela  , a um s  tempo, separa o e ponte. Ao deslocarmos o pensamento freireano para a proposi o do dossi , convidamos a olhar para os processos comunicativos em contextos diversos, visualizando a pot ncia da comunica o tanto na a o de unir em torno de uma causa quanto, e principalmente, como arma para o desentendimento pol tico, pensado aqui numa perspectiva de Ranciere (2018).

Os desafios da comunica o em tempos de grandes conflitos pol ticos e guerras, como o atual, em quase todo o planeta, se projetam como de grandes propor es, tendo em vista que, hoje, a comunica o, que antes era condi o central na vida da maioria das sociedades, se tornou ub qua. A vida nas plataformas digitais induz   condi o de *bios*

virtual (SODRÉ, 2002), que do ponto de vista da fenomenologia se manifesta como um novo modo de existir (HEIDEGGER, 2015).

A quebra do monopólio da fala (SODRÉ, 2001), transformado em processo reticular de produção e consumo de conteúdos informativos, a partir dos modelos de negócios das *big techs* dentro de um capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2019), interfere nas sociedades, tendo como guia estratégias psicológicas. As mesmas estratégias, por sua vez, são usadas como táticas de ação, para atrair usuários e prender sua atenção de modo contumaz e intermitente nas redes sociais digitais, privilegiando conteúdos desinformativos, que possuem potência 70% maior para viralizar do que uma informação jornalística (CASTRO, 2018).

Assim, muitas catástrofes se materializam nesse complexo cenário. Catástrofe, aqui, é entendida como reviravolta, uma peripécia, tal como na sua teoria da narrativa conceitua Ricoeur (1995), mudando o curso das coisas, fazendo com que a *narrativa humana* tome outro rumo, uma nova direção. Mas o faz instaurando *gaps* temporais, tal como observa Arendt (2011), *brechas no tempo*, instituindo rupturas profundas como hiatos de um tempo que não é mais, mas que ainda não se constituiu como outro. No nosso tempo de crises e conflitos, há a produção de uma estética da destruição (SONTAG, 2020), em devastações de todas as ordens – inundações, destruição das florestas, decorrentes da ação desenfreada humana sobre a natureza, etc. –, indicando também que estamos lá, como testemunhas-produtoras das tragédias de nosso próprio tempo. A catástrofe passa a ser, nesse mundo de ordem dominante comunicacional, produzida sobretudo pelo modo como a percebemos. A descontinuidade, como enfatiza Pomian (1993), revela-se meramente aparente, produzida não pelas próprias coisas, mas pelo nosso modo de percebê-las. É a catástrofe que sela o último grau de realidade das crises.

Ainda que não seja nosso objetivo, nesta introdução, apresentar ou desvelar sentidos contidos dos dez textos que compõem o dossiê **Comunicação em contextos de guerras, conflitos e crises**, chama a nossa atenção, num rápido olhar lançado ao conjunto, a proposição da guerra real, como força motriz destruidora pela ação bélica, dividindo espaço, em igualdade, com outras tipologias conflituais oriundas de processualidades claramente comunicacionais. Modos comunicacionais de existência em igualdade com modos comunicacionais de produzir existências.

Portanto, nas crises, nas guerras e nos conflitos do presente, assim como, no passado, a comunicação como porta-voz da informação, mas também como lugar em que se estabelecem as afetividades, se efetivam as possibilidades para o diálogo e os entendimentos possíveis. A comunicação, portanto, se apresenta como *locus* permeado de desafios, como a desinformação, que hoje se encontra potencializada. É sobre esses desafios, em suas diversas dimensões que os artigos que compõem este dossiê abordam fenômenos que nos envolvem no presente-passado e no presente-presente, com vistas a olhar as expectativas que podem surgir.

Referências

ARENDRT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BARBOSA, Marialva; RÊGO, Ana Regina. Historicidade e contexto em perspectiva histórica e comunicacional. *Famecos*, Porto Alegre, v. 24, n. 3, n.p., set./dez. 2017.

CASTRO, Fábio de. 'Fake news' têm 70% mais chance de viralizar do que notícias verdadeiras, segundo novo estudo. *O Estado de S.Paulo*, 8 mar. 2018. Disponível em: <<https://acortar.link/RRMo8p>>. Acesso em: 4 jun. 2022.

HASTINGS, Max. *Catástrofe 1914: a Europa vai à guerra*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

POMIAN, Krysztof. *Enciclopédia Einaudi*. v. 29 – Tempo/Temporalidade. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1993.

RANCIÈRE, Jacques. *O descentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34, 2018.

RÊGO, Ana Regina; BARBOSA, Marialva. Tempo, memória e história da comunicação: um passeio teórico em torno de Paul Ricoeur. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, São Paulo, v. 18, n. 32, p. 96-106, 2020.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. v. 2. Campinas: Papyrus, 1995.

SODRÉ, Muniz. *A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças*. Petrópolis: Vozes, 2021.

_____. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2001.

SONTAG, Susan. *Contra a interpretação e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

Marialva Barbosa

Professora titular de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Cientista do Nosso Estado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

Ana Regina Rêgo

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), com estágio de doutorado na Universidad Autónoma de Barcelona (Espanha). Coordenadora da Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD).

Jorge Pedro Sousa

Professor catedrático e investigador da Universidade Fernando Pessoa (Portugal) e do Instituto de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa (ICNova). Doutor em Ciências da Informação pela Universidade de Santiago de Compostela (Espanha).